



Joana Amaral Dias

(n. 19075) é licenciada em Psicologia, ramo de Psicologia Clínica, pela Universidade de Coimbra. Pela mesma instituição obteve o grau de Mestre (pré-Bolonha) em Psicologia Clínica do Desenvolvimento e é doutoranda, em parceria com a Universidade de Chicago. Autora de vários artigos científicos na sua área, leccionou em diferentes universidades, e é, desde 2004, docente no ISPA (Instituto Superior de Psicologia Aplicada).

Exerce Psicologia Clínica e é Terapeuta Familiar, sócia da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar, bem como Psicodramatista e Sócia Didacta da Sociedade Portuguesa de Psicodrama. Depois de vários anos como dirigente associativa, foi deputada independente pelo Bloco de Esquerda. É comentadora e colunista política, tendo colaborado com o Diário de Notícias, a TSF e a SIC Notícias. Actualmente, é uma presença regular na RTP Notícias e no Correio da Manhã onde, para além de escrever sobre política, tem também uma coluna sobre cinema. Além deste livro participou em trabalhos como "Conversas com Famílias (Afrontamento); "Por Detrás do Espelho" (Quarteto) ou "Strengthening immigrants: what can we learn with some East European and Chinese families?" (Nova Science Publishers).



Loucos com História

De famosos e de loucos todos eles têm um pouco. Joana Amaral Dias colocou “Maníacos de Qualidade” (Fernando Pessoa, Marquês de Pombal, João César Monteiro ou D. Afonso VI, entre outros) no divã da psicologia.

Este livro utiliza material biográfico de várias personalidades, articulando-o com uma análise da perspectiva da psicóloga.

Como procedeu à investigação biográfica?

A pesquisa foi essencial para recolher informação não apenas biográfica, como relativa ao contexto histórico de cada personalidade, de modo a traçar o trajecto social, familiar e individual. Assim, a investigação implicou a recolha de material na Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional, para além, naturalmente, da análise de biografias e outros estudos históricos encontrados em livrarias e alfarrabistas.

Nessa pesquisa, qual foi a figura que mais a surpreendeu e porquê?

Antero. Pela brutalidade, ignorância, crueldade e impotência da Medicina e Psiquiatria da época.

Diversas opiniões sobre a sanidade de Fernando Pessoa tem sido avançadas ao longo dos anos. Encontrou pontos de contacto com alguma delas na sua análise?

Encontrei muitas divergências. Pessoa já foi classificado de fóbico, histérico, esquizofrénico ou ciclotímico, rotulado com quase tantas máscaras quanto os heterónimos que criou. Porém, em muitas dessas análises escapou o ponto nevrálgico da sua personalidade: o auto-engrandecimento. É possível que o facto de Pessoa ser hoje reconhecido como um autor essencial na literatura ocidental tenha obnubilado a importância dele mesmo se considerar grande, o Supra-Camões. Por outro lado, biógrafos

como Gaspar Simões, que tiveram o mérito de projectar a obra, passaram uma imagem romanceada e trágica da sua vida, esculpiram o perfil de poeta maldito. Por fim, Pessoa escondeu-se sempre dentro da sua própria obra.

Seja como for, a onnipotência e auto-endeusamento eram traços fundamentais da sua personalidade. Traços infantis (essa ideia da criança de que tudo pode e tudo consegue) que o poeta guardou de uma primeira infância intacta, bem diferente dos anos que se seguiram, cravejados de mortes e perdas. Dessa fase em que, como ele próprio dizia “era feliz e ninguém estava morto”, Pessoa manteve a ideia dos pais ideais com a criança ideal, o presépio exemplar, através da sua obra. Se o seu trabalho fosse perfeito, todo o quadro se manteria ileso e puro. Contudo, tendo perdido quase tudo, quase tudo teve que inventar, quase tudo o poeta criou. Por isso, Pessoa dizia que, ou conseguiria ser “o manuscrito da vida” ou nada seria. Ou seja, a sua identidade não era psicológica, social, sexual, como a de todos os comuns mortais. A sua identidade era a sua própria obra.

Li neste livro algumas das frases mais duras já publicadas sobre João César Monteiro. A eterna questão da possibilidade - ou não - de separação entre o autor e a obra ocorreu-lhe durante esta escrita?

Durante muito tempo aceitou-se a fórmula de Octavio Paz: “Os poetas não têm biografia. A sua biografia é a sua obra”. E esse pudor inibiu muitas investigações biográficas. Todavia, conhecer a vida do

ENTREVISTA

João Morales

FOTOS

Artur

autor não nos arreda da sua obra. Antes pelo contrário. Embora, a minha análise psicológica e psicopatológica de João César Monteiro (ou de Fernando Pessoa e Antero de Quental) não se baseie na obra mas, sobretudo, nos documentos biográficos (cartas, diários, testemunhos), não partilho desse pavor intelectual infundido por Octávio Paz até porque vida é obra e obra é vida. Uma explica a outra. Obra transfigura a vida e vice versa.

O cineasta congratulava-se de ser “um louco certificado”. Ao contrário, os poetas António Ganchó e Ângelo de Lima bradavam o mais que podiam a sua sanidade mental, por entre enormes “conspirações” para o seu encerramento. Nos vários casos que analisou para este livro, quais pensa que teriam consciência dos seus problemas psicológicos?

A psicopatologia pode ser ego- sintónica ou ego- distónica. Ou seja, o sujeito pode não ter qualquer consciência da sua doença, não entendendo os seus pensamentos ou acções como perturbações, o que sucede, nomeadamente, na esquizofrenia e aconteceu com Ganchó e Lima. Noutros casos, como nas perturbações da ansiedade (ataques de pânico, per-

turbações obsessiva-compulsivas, agorafobias), a pessoa sabe, por exemplo, que lavar as mãos 100 vezes por dia é bizarro, não o quer fazer, mas não consegue controlar o seu próprio comportamento. Portanto, entre as personalidades deste livro mais conscientes dos seus problemas encontram-se Antero de Quental (que descreve as suas oscilações de humor com detalhe), Pessoa (que até procura sistematicamente uma classificação psiquiátrica para si mesmo) e a Marquesa Jacóme Correia (que narra o seu mal-estar psíquico prematuro). Porém, mesmo nestes casos ego-distónicos, o facto da pessoa saber que os seus pensamentos, sentimentos ou atitudes não são adequados ou até os mais vantajosos para si mesmo não significa que os domine, muito menos que os entenda e consiga modificar.

Estes dois poetas, Ganchó e Lima, diferem das restantes figuras analisadas, na medida em que produziram o seu trabalho residindo em instituições psiquiátricas. O que teria mudado se assim não fosse?

Note-se que algumas das mais importantes obras desses poetas foram escritas antes da eclosão da esquizofrenia e do internamento.

Seja como for, se elaborar a análise psicológica e psicopatológica sem a presença do sujeito é, como no digo no livro, caminhar sobre águas senão impossíveis, pelo menos traiçoeiras, supor como seria a obra de um autor caso não tivesse vivido encarcerado num desses “armazéns da desventura” é obra. O que se pode afirmar é que a doença psiquiátrica significa sempre um afunilamento das opções de pensar e sentir. A psicopatologia significa empobrecimento e limitação mental e não genialidade ou criatividade como muitas vezes, de modo preconceituoso e perigoso, se supõe. Isto é, de um modo geral, pode dizer-se que o adequado tratamento da doença psiquiátrica leva a uma vida (e, consequentemente, obra) mais completa e diversa, menos pobre e estreita.

Dos diferentes tratamentos a que os homens e mulheres deste livro foram sujeitos, o que concluiu sobre a sua justeza?

A história da psiquiatria e da sua aliança ao poder é uma história de loucura. Os tratamentos contribuíram sempre para adestrar massas, corrigir o desviante, calar rebeldia. Se desde as antigas civilizações até ao século XVIII, as doenças mentais eram atribuídas à posse de espíritos ou a origem divina, e as terapêuticas passavam pelas oferendas aos deuses, rituais, sovas, vomitórios e, na inquisição, pelo fogo que se julgava purificador, a modernidade não trouxe só vantagens. O internamento passou a ser comum no século XIX, quando a loucura foi percebida menos como perturbação do julgamento e mais como desordem na acção, perturbação da paixão, da capacidade de decidir e de ser livre. Todas as técnicas ou procedimentos efectuados



O MAIOR
DESAFIO
DESTE LIVRO FOI
PENSAR COMO
SE FOSSE O OUTRO,
SENTIR COMO
SE FOSSE AQUELE,
FALAR COMO
SE FOSSE ELE

nesses asilos, como as solitárias, o interrogatório, duches frios, repreensões, disciplina rigorosa, tinham por função fazer do personagem do médico *o mestre da loucura* e investi-lo de um esmagador poder sobre o outro. Justeza? Pouca ou nenhuma.

O Texto sobre Antero está escrito na primeira pessoa. Porquê essa opção?

A análise psicológica e psicopatológica requer que nos coloquemos na cabeça do outro, debaixo da sua pele. Aliás, esse foi o maior desafio deste livro. Pensar como se fosse o outro, sentir como se fosse aquele, falar como se fosse ele. Escrever na primeira pessoa decorre desse exercício indispensável a este trabalho. Já escolher Antero para o verbalizar foi consequente a duas ordens de factores. Primeiro, práticos. A quantidade e diversidade de registos auto-biográficos, nomeadamente epistolares, permita-o com folga. Segundo, a própria vida mental deste açoriano, marcada pela duplicidade, fosse pelo irmão Antero morto antes do próprio nascer, fosse pela sua bipolaridade, tornava o centrar no “Eu” numa boa porta de entrada para o seu universo mental.

Afirmou sobre a personagem de Lewis Carroll que “Alice é uma revolucionária que constantemente transgride e mostra como a realidade é absurda. Fundamental para o feminismo.”

Ao longo da História, as mulheres tidas como loucas foram encaradas de forma diferente dos homens?

Mulheres e homens foram sempre encarados de forma diferente, fosse quanto à loucura ou a outra questão qualquer. A diferença de perspectiva quanto à doença psiquiátrica decorre da ideia, presente desde o início da especulação filosófica, que as mulheres estão destinadas à procriação e maternidade, ao natural, e que os homens são inatamente orientados para a sociedade/cultura. Se o discurso aristotélico afirmava que a mulher era o receptáculo do sémen masculino, que as mulheres eram “homens deficientes”, ou *imbecillitas sexus*, no dizer de São Tomás de Aquino, já no século XIII, chegou-se à Idade Média considerado o corpo como a origem de todo o mal. Assim, a Inquisição matou milhões de mulheres. Os nomes dos instrumentos de tortura são ilustrativos: *A pêra oral, rectal e vaginal* ou *O Destroçador de Seios*. Habitualmente, as mulheres eram acusadas de terem sexo ou de gostar (o que só poderia resultar duma ligação ao diabo) e de fazerem anticoncepcionais. Estima-se que 85% da vítimas da Inquisição foram mulheres. Mesmo no século XX, ainda se ensinava às raparigas que sexo é pecado. Em 1877, por exemplo, a inglesa Annie Besant foi presa por publicar um livro sobre controlo da população. Em 1939, a médica francesa Madeleine Pelletier, foi internada num hospital psiquiátrico, por defender o direito ao aborto. Daí dizer que Alice é revolucionária, a anti-Eva na medida

em que, realmente, transgride, quer saber/conhecer. Portanto, nas mulheres, a loucura esteve sempre associada à sua emancipação. Sexual e/ou social. Muitas mulheres que se comportaram como Alice foram esmagadas pela Psiquiatria, tantas vezes investida de um poder divino sobre o outro.

Uma das suas grandes paixões: o cinema. Se tivesse a possibilidade de fazer um filme sobre a vida de uma destas figuras, qual escolheria? E porquê?

Escolheria o choque frontal entre o padre Gabriel Malagrida e o Marquês de Pombal. Primeiro porque o tecido destas duas personalidades dariam densas personagens

OS NOMES DOS INSTRUMENTOS DE TORTURA SÃO ILUSTRATIVOS: A PÊRA ORAL, RECTAL E VAGINAL OU O DESTROÇADOR DE SEIOS

cinematográficas, a par com o próprio terramoto de 1755, ele mesmo um grande protagonista para qualquer tela. Depois, a Malagrida, o terramoto, castigo divino, surgiu como a possibilidade de ouro caída do Céu. Para o Marquês, a terrível vibração do solo apareceu como uma ocasião imperdível ofertada pela Terra. Malagrida acreditava na inclemência divina, mas foi condenado à morte pelo homem. Pombal duvidava desse Todo-poderoso punitivo, mas castigou como se fosse um Deus. Ou seja, o fundamentalista religioso foi assassinado pelo iluminista e a colisão destas duas posições, as interrogações que carrega, ainda hoje são pertinentes.

No prefácio do seu livro, e a propósito da conturbada relação entre o jesuíta Malagrida e o Marquês de Pombal, o psiquiatra J. L. Pio Abreu lança a questão: “será que o poder enlouquece?” Como lhe responde?

Confrontar um poderoso é mais difícil do que confrontar um não poderoso. O poder enlouquece na medida em que permite que alguém exercite, contra os outros, as suas próprias perturbações, alimentando-as e gerando algo como um mecanismo que se sustenta a si próprio. Por exemplo: um anónimo com uma perturbação da personalidade anti-social, movido exclusivamente pela satisfação imediata dos seus próprios impulsos e sem qualquer empatia sobre o outro, provavelmente será parado e detido precocemente. Alguém, como D. Afonso VI, que espancava e matava quem lhe apetecesse, gozou de uma moratória e deu amplo azo à sua psicopatía através sua absoluta e poderosa condição de monarca. ¶